



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

MARIANA DOS SANTOS COSTA ARAÚJO
MARIA SIMONE SILVA SANTOS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E
APRENDIZAGENS MEDIADAS PELAS EMOÇÕES NO ESPAÇO
ESCOLAR

Maceió – AL

2022

MARIANA DOS SANTOS COSTA ARAÚJO

MARIA SIMONE SILVA SANTOS

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E APRENDIZAGENS
MEDIADAS PELAS EMOÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca avaliadora do curso de Licenciatura Plena em Geografia do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas como requisito para obtenção da nota final do trabalho de conclusão de curso (TCC).

Orientador: Professor Dr. Kinsey Santos Pinto

Maceió – AL

2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

A663r Araujo, Mariana dos Santos Costa.
Representações sociais, subjetividade e aprendizagens mediadas pelas emoções no espaço escolar / Mariana dos Santos Costa Araujo, Maria Simone Silva Santos. – 2022.
44 f. : il. color.

Orientador: Kinsey Santos Pinto.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 38-41.
Apêndice: f. 43-44.

1. Geografia humana. 2. Habilidades socioemocionais. 3. Educação geográfica. 4. Ensino e aprendizagem - Geração Z. I. Santos, Maria Simone Silva. II. Título.

CDU: 911

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por nos dar força e coragem para continuar sempre em busca dos nossos objetivos;

Agradecemos ao nosso orientador Kinsey Santos Pinto, por sua inestimável contribuição nas nossas carreiras como futuras docentes, agradecemos também por toda paciência e por sempre estar presente em toda a nossa trajetória na universidade.

Gratidão aos nossos familiares por todo o incentivo e cuidado conosco durante o encerramento deste ciclo.

Agradecemos a todos os docentes do IGDema que contribuíram com nossa formação, aos amigos de curso e de projetos de pesquisa, que sempre estiveram ao nosso lado nos dando todo apoio e carinho.

Aos amigos da vida, somos gratas por toda paciência e força que nos deram desde o início desse ciclo até os dias atuais.

É com muito carinho que agradecemos aos nossos companheiros de turma, por nos ajudar tornando a caminhada mais leve e agradável durante toda essa jornada e no encerramento de mais esse ciclo nesta instituição.

RESUMO

Os estudos atrelados à Geografia das emoções buscam mediar o conhecimento acerca do espaço vivido dos sujeitos como construto multidimensional para alicerçar seus conhecimentos científicos. O presente trabalho discute a relação entre a Geografia das emoções junto às habilidades socioemocionais que são representadas socialmente pelos sujeitos educando através de suas subjetividades. A pesquisa se desenvolveu a caráter qualitativo, através de revisão bibliográfica, posteriormente foi confeccionado e disponibilizado através do formulário Google um questionário semiestruturado, sendo aplicado aos professores da Escola Hildebrando Veríssimo Guimarães, localizada no município de Campo Alegre - AL. Elegeu-se como categoria de análise o Espaço Geográfico, entendendo como subcategoria o Espaço Escolar. O panorama da educação brasileira vem se modificando, o mundo enfrenta fenômenos inesperados, logo, a proposta consiste em compreender que o Ensino de Geografia no século XXI, deve priorizar as formas de representações sociais para que o sujeito amplie sua visão de mundo e se (re)conheçam enquanto sujeitos reflexivos, críticos e participativos em sociedade.

Palavras-chave: Educação Geográfica; geração Z; habilidades socioemocionais; espacialidades.

ABSTRACT

Studies linked to the Geography of emotions seek to mediate knowledge about the lived space of subjects as a multidimensional construct to support their scientific knowledge. The present work discusses the relationship between the Geography of emotions and the socio-emotional skills that are socially represented by the subjects educating through their subjectivities. The research was developed in a qualitative way, through a bibliographic review, later a semi-structured questionnaire was made and made available through the Google form, being applied to the teachers of the Hildebrando Veríssimo Guimarães School, located in the municipality of Campo Alegre - AL. The Geographic Space was chosen as the analysis category, understanding the School Space as a subcategory. The panorama of Brazilian education has been changing, the world faces unexpected phenomena, so the proposal is to understand that the Teaching of Geography in the 21st century must prioritize the forms of social representations so that the subject expands his vision of the world and if (re)know as reflective, critical and participatory subjects in society.

Keywords: Geographic Education; generation Z; socio-emotional skills; spatialities.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. METODOLOGIA	10
3. ESCOLA E GEOGRAFIA	12
3.1. Caminhos entre a Escola, os Sujeitos e a Geografia	14
4. COMPETÊNCIAS GERAIS E AS EMOÇÕES DOS INDIVÍDUOS	18
4.1 As emoções dos indivíduos	19
5. GEOGRAFIA EMOCIONAL E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS	22
5.1 Processo de ensino-aprendizagem na geração Z	24
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	27
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS	38
8. APÊNDICE	42
	43
9. ANEXOS	45

1. INTRODUÇÃO

Antes mesmo do início do século XXI, já havia uma preocupação com os rumos da educação em virtude do aceleramento das trocas de informações, logo, a instituição escola deveria se preparar para o novo século e com desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de forma cognitiva e subjetiva para proporcionar o desenvolvimento integral dos sujeitos inseridos no espaço escolar. Através desse norte, buscamos como objetivo central da pesquisa, entender a possibilidade de colocar as emoções como mediadoras das relações com o Espaço Geográfico, em particular, o Espaço Escolar.

Ao observar que os alunos das escolas campo de estágio, não se (re)conhecem como sujeitos participantes do processo de ensino-aprendizagem, procuramos pensar através das emoções, o vínculo entre o espaço vivido e o espaço concebido pelos sujeitos, expressos por meio das suas representações sociais no intuito de elencar a importância dos saberes subjetivos no processo de escolarização. Entretanto, é sabido que há um distanciamento da educação escolar em relação a educação ressignificada, assim é histórico o desinteresse por parte dos sujeitos na disciplina de Geografia, pois, por muito tempo a Geografia fora vista como disciplina de transmissão de conteúdo e memorização de informações. Todavia, se torna urgente propor caminhos onde os sujeitos se sintam valorizados nas construções de novos saberes, formando assim, sujeitos com uma visão de mundo mais ampla, sujeitos críticos e comprometidos com uma sociedade mais justa, onde eles reconheçam qual o seu papel na sociedade e quais as formas de atuação nela.

No problema de pesquisa, procuramos compreender como o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, mediado pelos professores, norteia a análise do espaço geográfico através das emoções pelas experiências do espaço vivido dos sujeitos educando para a construção de novos saberes espaciais. O trabalho foi desenvolvido com os professores de Geografia da Escola Municipal de Educação Básica Hildebrando Veríssimo Guimarães, no município de Campo Alegre - Alagoas. Através da coleta de dados com questionários semi estruturados e com análises de dados de forma qualitativa, sondou como se dá a atuação profissional dos docentes e quais as formas de promover o Ensino de Geografia em sala de aula.

A Geografia por ser a ciência que se fundamenta no estudo do Espaço Geográfico, é a ciência com aporte teórico para a discussão das relações em que no seu objeto de estudo se dar: O Espaço.

Quando Santos discute o papel das rugosidades, ele diz que,

O espaço, portanto, é um testemunho, ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto outros criam formas para se inserir dentro delas (2012, p.173).

Ao entender que alguns fenômenos surgem e outros fenômenos não se desfazem totalmente durante os processos de mudanças e mutações do espaço, levamos em consideração novas formas de pensar a educação, acreditando que as representações sociais construídas pelos sujeitos e expressadas por meios das suas subjetividades devem ser valorizadas durante o processo de ensino- aprendizagem.

De acordo com Castrogiovanni *et al.* (2016), ensinar Geografia é, portanto, analisar historicamente o Espaço Geográfico, é o espaço da existência de homens e mulheres, e isto, em última instância, é compreender pela gênese o conteúdo, não apenas pela aparência ou forma. Assim, qual ciência seria capaz de levar os sujeitos a compreender as questões sobre o próprio e o Espaço, se não, a Ciência Geográfica.

Por ser um tema pouco trabalhado no Brasil e apesar do referencial teórico escasso, as discussões elencadas na pesquisa, visa aproximar a temática por vezes marginalizada pelo seu caráter subjetivo, para uma reflexão sobre a notoriedade do arcabouço cultural de cada um dos sujeitos durante seu processo de formação.

No primeiro capítulo se discute caminhos percorridos entre a escola enquanto instituição pública e gratuita no Brasil em paralelo com o processo de institucionalização da Geografia enquanto Ciência, traçando os caminhos entre elas, ao tempo em que, se discute os rumos da educação no País e a urgência em pensar novas formas de contribuir com a educação.

No segundo capítulo a proposta é considerar novas metodologias de educação no século XXI, em vista dos avanços tecnológicos de um mundo globalizado. Tecnologias essas, que podem ser usadas como instrumento no processo de ensino-aprendizagem das novas gerações.

No terceiro capítulo abordamos a temática Escola e a Geografia. Como se dá a relação entre a escola e os sujeitos e como a geografia explica e participa na construção do processo de ensino-aprendizagem mediados pelos professores e pelas emoções.

No quarto capítulo discutimos as competências gerais da BNCC e as emoções dos indivíduos. Como as competências gerais contribuem para a formação do aluno e as emoções estão presentes na formação social e cultural do espaço geográfico.

No quinto e último capítulo trabalhamos as habilidades socioemocionais e a Geografia Emocional. Como acontece a relação entre o ensino da ciência geográfica e as novas gerações.

São essas questões que nos levam a propor que através do Ensino de Geografia de forma (re)significada, os sujeitos possam encontrar um elo entre os sujeitos sociais e o espaço, considerando que as representações do Espaço Escolar, não são isoladas, ou inerte, em relação ao Espaço Geográfico, visto que o Espaço Escolar, assim como o Espaço Geográfico, também é tenso e dinâmico, e que os Sujeitos, são sujeitos que em um dado espaço-tempo, constituíram e construíram ambos os espaços.

2. METODOLOGIA

A pesquisa demandou uma revisão bibliográfica de um leque variado de abordagens teóricas no período de abril a julho de 2022, através de livros, artigos, teses, dissertações, monografias e o auxílio da internet. Posteriormente a pesquisa foi se desenvolvendo sob um modelo qualitativo e contou com a elaboração e aplicação de questionários semiestruturados.

A pesquisa qualitativa, que é o oposto da quantitativa, não procura definir a problemática da pesquisa, busca contribuir para que o leitor tenha uma visão ampla, procurando entender o espaço na visão dos sujeitos que participaram da pesquisa.

(...)Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados. GODOI (1995, p. 62)

Negando assim, a pesquisa somente numérica, sendo fundamental entrevista ou questionário que deixe o sujeito livre para responder abertamente, considerando todos os dados importantes, o propósito não é contabilizar quantidades. O pesquisador qualitativo tem que ter uma visão holística, na sua complexidade, sem se preocupar com o resultado e sim com o processo na qual chegou naquela finalidade.

O sociólogo francês Morin (2000) trouxe sua proposta do paradigma da complexidade para quebrar o pensamento conservador e fragmentado do newtoniano-cartesiano, ele propôs uma educação transformadora, crítica, humanizada e transdisciplinar. Para Behrens (2014) a complexidade pode ser entendida como “um sistema de pensamento aberto, multidimensional, abrangente, interconectado e flexível que se encontra em processo intermitente de mudança”, e a transdisciplinaridade como “uma interação de disciplinas que vai além da interdisciplinaridade, pois propõe uma interconexão de vários sistemas interdisciplinares num contexto mais amplo e geral”.

Outro aspecto, é a pesquisa semiestruturada que não segue uma ordem de perguntas e respostas, dando mais liberdade e autonomia para o entrevistado responder os questionamentos feitos.

O presente trabalho foi direcionado aos professores de Geografia da Escola da rede pública Hildebrando Veríssimo Guimarães, localizada na cidade de Campo Alegre, na mesorregião do Leste Alagoano. A pesquisa foi aplicada através do formulário Google, totalizando oito questões, sendo elas cinco questões abertas e três fechadas.

O questionário aplicado obteve informações sobre a formação dos professores, a idade, tempo em que atuam na área de ensino geográfico e os conhecimentos acerca das habilidades socioemocionais e sobre a aprendizagem da nova geração ou geração Z.

Os entrevistados não tiveram suas identidades reveladas ao longo do questionário para que pudessem falar abertamente sobre o tema proposto e colocar suas ideias e emoções ao longo da pesquisa. O objetivo do questionário aplicado, foi identificar os conhecimentos sobre as geografias emocionais e habilidades socioemocionais dos professores entrevistados e quais os caminhos utilizados para o processo de ensino-aprendizagens dos sujeitos educandos.

3. ESCOLA E GEOGRAFIA

A escola pública e gratuita brasileira, surge no início do processo da industrialização, em um momento em que se necessitava de grande mão-de-obra qualificada. O modelo de educação tradicional é implantado, onde os sujeitos deveriam ser tratados como sujeitos passivos durante o processo de ensino.

Para ALVES et al. (2012). O fenômeno da escolarização em massa, configurado a partir da segunda metade do século XIX comuns de abrangência global, entre eles: a obrigação escolar, a responsabilidade estatal pelo ensino público, a secularização do ensino e da moral, a nação e a pátria como princípios norteadores da cultura escolar, a educação popular concebida como um projeto de consolidação de uma nova ordem social, outrossim,

O aumento das atividades comerciais, a revitalização das cidades, o Renascimento, a Reforma Protestante e a nova concepção sobre a infância foram acontecimentos históricos e culturais que atuaram na constituição do que chamamos de escolarização, nos princípios da modernidade e se mantém na escola contemporânea. A partir destes acontecimentos, a escola/escolarização passa a ser um instrumento de docilização, pelo controle sobre o tempo e os corpos, viabilizados pela separação e vigilância contínuas. A obrigatoriedade da frequência e as demais práticas escolares são alinhadas às necessidades sociais e econômicas vigentes na nascente sociedade capitalista industrial. Desta forma, a escola passa a “fabricar” corpos úteis. FUSINATO e KRAEMER (2013).

A educação se molda a caráter puramente técnico, logo, passa a ser urgentemente necessário preparar as bases do país para que se acomode às novas exigências do sistema de produção internacional (ANSELMO 2006, p. 243).

Desde que a educação se tornou obrigatoriedade do Estado até os dias atuais é possível perceber traços da educação tradicional nas salas de aulas, devido a importância de alguns fatores, no entanto, o processo de ensino-aprendizagem vem mudando, pois aqueles alunos, antes visto como seres passivos, passaram a ser os sujeitos protagonistas no processo de ensino-aprendizagem. Há diversas discussões acerca da importância de novas metodologias de ensino para o século XXI, visto que o sujeito deve desenvolver uma consciência planetária, Arroyo (2008, p.9).

Para Delars, (2001) mais do que preparar as crianças para uma dada sociedade, o problema será, então, fornecer-lhes constantemente forças e referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que as rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e

justos. Desta maneira é urgente que se desenvolva, em todas as instâncias da sociedade —e aqui colocamos em destaque a escola —, uma ética planetária que se empenhe pela integridade da “realidade sagrada primordial” do universo estabelecendo um novo contrato de solidariedade com a Terra, com a vida e com o outro, Darós e Tescarolo (2007, p.136). No entanto,

O ensino aplicado aos alunos dentro da escola, não é o suficiente para mudar a convivência em sociedade, é preciso muito mais do que isso, pois atrás dos muros da escola, existe um mundo muito amplo com ideologias próprias, pronto para repassar seus valores, e preparado para adequar os indivíduos conforme o seu interesse. Por isso é preciso pensar em como alcançar esses alunos também fora da escola. SILVA e FERREIRA (2014, p.12)

É sabido que o espaço escolar não é suficiente para mudar a realidade de cada um dos alunos, visto que, a família e a comunidade onde estão inseridos tem um papel importante nesse processo de formação desses sujeitos. No entanto, é inserido neste espaço de construção de aprendizagens - ESCOLA, que os sujeitos podem ter novos olhares sobre os fenômenos ocorridos em sua vida em sociedade. Tomando como premissa norteadora da Geografia esse olhar sobre o espaço, em particular o espaço social, se faz necessário construir pontes entre a Geografia, o Sujeito, a Escola e a Família, para que o processo de ensino-aprendizagem, possa ir além do que é o ambiente escolar, proporcionando aos sujeitos o desenvolvendo de habilidades para a vida em sociedade, visto que,

Os sujeitos (re)constróem, a partir de suas interações com o espaço Geográfico, um constante Espaço Geográfico renovado de valores renováveis, ou seja, os sujeitos refazem o Espaço Geográfico periodicamente em função dos seus signos, significados e significantes que parecem ser mutáveis através do tempo e das suas experiências vivenciadas-assimiladas-acomodadas, constituída numa complexidade, Pinto (p. ,2011).

Sabendo que a sociedade do século XXI, está voltada para novas configurações tecnológicas e que o espaço escolar contém e está contido nessa sociedade, parece haver uma disruptiva entre o espaço escolar e o social, o que acarreta a urgência de pensamento acerca da formação destes sujeitos. Desse modo, o interesse pela Geografia das emoções se dá pelo espaço vivido, que possui diferentes tonalidades e que não pode ser reduzido à racionalidade científica (ANDREOTTI, 2013 apud SILVA, 2016).

A construção do conhecimento também depende da forma de como cada indivíduo aprende, apesar de que o indivíduo não constrói o saber, ele recebe a informação através do ensino com possibilidades de mudanças e cada um aprende de modo semelhante, mas jamais igual, Martins et al. (2018, p.412).

As inquietudes em relação às construções de conhecimentos se tornam um desafio, pois, como aprender e ensinar Geografia no século XXI? Será através do processo de ensino-aprendizagem em Geografia que os alunos conseguirão encontrar resposta, ao menos momentânea, sobre o que é ser um sujeito social no século XXI? Qual o elo entre o presente, o passado e o futuro do espaço escolar, em relação a formação da criticidade dos sujeitos?

3.1. Caminhos entre a Escola, os Sujeitos e a Geografia

A escola se preocupou por muito tempo com a construção de conhecimentos cognitivos, assim como a Geografia estimulava o conhecimento meramente informativo, em ambos os casos os sujeitos não foram estimulados a uma reflexão mais profunda e crítica sobre os espaços em que eles estão inseridos.

Com o surgimento do fenômeno da globalização as “prioridades” da sociedade foram se modificando, as relações entre sociedade e natureza, embutidas no modelo de produção capitalista, se tornam sufocantes. Além da rapidez e do aceleração das trocas de informações, o aumento dos estímulos que os sujeitos recebem, fazem com que eles sejam cada vez mais dependentes do *(re)significar* o sentido da vida e da vida em sociedade.

Desde a Geografia tradicional positivista que para Moraes (2008), o homem era tido como um elemento a mais da paisagem, como um dado do lugar, como mais um fenômeno da superfície da Terra, desse modo, o sujeito não era considerado agente modificador do espaço. Com os avanços tecnológicos, os sujeitos foram percebendo que suas ações influenciam e impactam o meio em que se vive, tanto de forma negativa, quanto positiva. Assim, entender-se enquanto sujeito é considerar que,

(...) uma nova concepção emerge da relação complexa do sujeito e do objeto, e do caráter insuficiente e incompleto de uma e de outra noção. O sujeito deve permanecer aberto, desprovido de um princípio de decidibilidade nele próprio; o objeto deve permanecer aberto, de um lado sobre o sujeito, de outro lado sobre seu meio ambiente, que, por sua vez, se abre necessariamente e continua a abrir-se para além dos limites do nosso entendimento (MORIN 2015, p. 43).

Segundo, (Alves-Mazzotti, 2000, p. 59 *apud* CRUSOÉ 2004, p.106) considera que na relação entre sujeito e o objeto,

[...] não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não reproduz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, na medida em que, ao apreendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material.

Na concepção de Santos (2008) “o sujeito, é ao mesmo tempo um ser objetivo e um microcosmo, o encontro entre a objetividade da coisa (ou a coisa objetificada) e a subjetividade de seu decifrador permite uma variedade de percepções”.

Sabendo da validade dos conceitos acima mencionados acerca do entendimento do sujeito, a pesquisa entende através de Morin (2015, p.43) que, “o sujeito e o objeto são constitutivos um do outro”. Mas isso não resulta numa via unificadora e harmoniosa”. Assim, lidar com as entropias, com o inesperado com a incerteza e recuperar o elo entre os mesmos e o mundo é papel recursivo do sujeito-objeto.

A busca por tentar entender-se enquanto sujeito passa a ser uma discussão que está imbricada no meio escolar, no meio social e no meio ambiente, levar os sujeitos a se (re)conhecer como agente pertencentes e transformadores desses espaços através do ensino-aprendizagem em Geografia, é desenvolver junto ao sujeito o que Arroyo cita como “consciência planetária”, considerando que os sujeitos da geração Z, dispõe de mais informações, são capazes de mobilizar ações de forma mais rápidas e que surtem mais efeitos, assim os caminhos da educação no século XXI é pensar além dos muros da escola é buscar a construção de conhecimentos significativos para os alunos com a preocupação de que,

“Se os adultos não estão disponíveis, a escola está preparada e os meios de comunicação não se preocupam em prover o desenvolvimento das capacidades executivas em sociedade, o cenário é preocupante em relação a formação daqueles que serão adultos do século XXI”, Cosenza e Guerra (2011, p.96).

Entender que o ensino de Geografia orienta a prática social é levar os sujeitos a organizar as informações dispostas em prol de uma análise crítica do meio social, incentivando-os a interagir e (re)organizar o espaço. Desta maneira a construção do ensino-aprendizagem está,

Na importância dos objetivos de ensino de Geografia, referidos principalmente ao caráter de espacialidade de toda prática social. Entre o homem e o lugar existe uma dialética, um constante movimento: se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por sua vez, contribui com a intervenção, com seus gestos, com seu trabalho, com atividades, transforma constantemente o espaço. Cavalcanti (2015, p.24).

Sendo necessário a construção de conhecimentos cognitivos e subjetivos em sala de aula. Pois, os sujeitos ao ingressar no ambiente escolar carregam consigo um arcabouço cultural, traz suas vivências, sua identidade e permanece na escola parte do tempo diário. Logo, boa parte da vida muitas pessoas foram/são vividas dentro da escola. Vivências essas que os sujeitos levam para toda vida, através das memórias construídas de um ambiente escolar repleto de significados. Logo,

As relações sociais no espaço geográfico ultrapassam e não se condicionam às barreiras físicas do mundo material. Sentimentos e emoções, intrínsecos pela própria experiência do indivíduo, são fatores de percepção do espaço e de criação de um mundo pouco compreendido na geografia escolar. As experiências e formas de vivência, definidas e interpretadas pelos sujeitos (estudante-professor), indicam influências na construção do conhecimento geográfico, LUZ JR e FROTA (2021, p.104).

O Ensino de Geografia como instância para a compreensão do mundo em que se vive, através da reflexão, análise e assimilação do seu objeto de estudo, direciona os sujeitos a alfabetização para a leitura de mundo, estimulando-os a pensar além do que está posto, assim, pretende-se que eles saibam não só buscar informação utilizando os recursos existentes, mas que saibam, também, identificar as questões relevante, Cosenza e Guerra (p. 94, 2011).

O alicerce da instituição escola segue competências e habilidades da Base Nacional Comum Curricular para construir seus objetivos, sendo importante entender que o espaço escolar e o espaço geográfico não são isolados, onde o sujeito é o ser social que (re)produz o espaço através de suas representações. Se o espaço escolar não acompanha as informações, mudanças e mutações do espaço social/geográfico, se torna urgente estudar as formas, meios e mecanismos que terá que ser desenvolvidos para que os sujeitos, consigam construir conhecimentos com utilidades concretas, que levem em consideração as emoções representadas por suas experiências sociais, que as conduzam para exercício de reflexões, críticas e atuações no meio onde estão inseridos.

Junto a preocupação das formas de construção de conhecimentos, a Base Nacional Curricular-BNCC (2017) para a subsequência do desenvolvimento educacional, diz que é necessário,

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente.

Na busca por tornar a escola um ambiente menos disperso do mundo que está para além de seus muros, é necessário estimular e fortalecer a construção de aprendizagens, além das metodologias cognitivas como citada na BNCC, terá que ser desenvolvidas metodologias subjetivas. Pois, as transformações na maneira como o ser humano se insere no mundo e se relaciona com seus elementos implicam no nascimento de novas necessidades sociais que, dessa

forma, provocam mudanças no papel da escola, que deve preparar a criança e o jovem para a sua inserção nessa sociedade em movimento, ABED (2014, p.14). Logo, para fazer a leitura do mundo em que vivem com base nas aprendizagens em Geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico, BNCC (2017, p359). Sendo papel da ciência Geográfica durante o processo de ensino-aprendizagem estimular os sujeitos a compreender, analisar e exercitar novas maneiras de observar aquilo que é comum ou cotidiano a eles, onde os conteúdos devem fazer sentido tanto para o Professor quanto para os alunos.

É importante frisar que o processo de ensino-aprendizagem vem mudando devido a nova geração dos tidos como nativos digitais, deste modo, no que tange a educação,

As técnicas de ensino têm sido questionadas e os métodos estritamente tradicionais de transmissão de informações pelos educadores não são tão viáveis, a depender da geração que os recebe. Com o auxílio da internet o aluno tem acesso à inúmeras informações, podendo aprender em qualquer lugar, a qualquer hora, e tornar-se autônomo em sua própria aprendizagem. Todavia, a partir dessa afirmação, é importante frisar que somente informação e internet não se configuram como alavanca para um aprendizado significativo, porém, tendo esses recursos de forma mais acessível e mediados pelo professor, é possível que se tenha facilitação no processo de aprendizagem através do ferramental que as tecnologias digitais oferecem (ANDRADE et al. 2020, p.2).

Ressaltar o professor como mediador desse conhecimento é reconhecer a importância da profissão docente na formação dos sujeitos. No entanto, também é base para indagações acerca da desvalorização dessa profissão e de questionamentos aos problemas estruturais enraizados dentro dos espaços escolares, sendo necessário pensar nas mudanças Curriculares, na perspectiva em aproximar o ensino superior ao ensino básico, na promoção de formações continuadas que sejam significativas, nas bases salariais que condizem com as necessidades de sobrevivência bem como na promoção de discussões para tantos outros questionamentos que contribuam nos avanços da Ciência Geográfica.

4. COMPETÊNCIAS GERAIS E AS EMOÇÕES DOS INDIVÍDUOS

A Base Nacional Comum Curricular é o documento que determina os direitos de aprendizagem de todo aluno cursando a Educação Básica no Brasil. A BNCC possui dez competências gerais que auxiliam o sujeito aluno em toda a sua trajetória educacional no processo de ensino-aprendizagem.

O termo “competências” é definido na BNCC como “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, op cit. CANETTIERI et al, p. 11, 2021).

Definidas as competências gerais, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013).

Sabendo disto, as competências gerais da Educação Básica segundo a Base Nacional Comum Curricular são:

1. Conhecimento: Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital.
2. Pensamento crítico, científico e criativo: Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade.
3. Repertório cultural: Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais.
4. Comunicação: Utilizar diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora e digital), bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica.

5. Cultura digital: Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.
6. Trabalho e projeto de vida: Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências.
7. Argumentação: Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis.
8. Autoconhecimento e autocuidado: Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional.
9. Empatia e cooperação: Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação.
10. Responsabilidade e cidadania: Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.

A inserção das competências gerais da educação na sala de aula oferece múltiplos benefícios. Onde o sujeito aluno por meio das competências, deve desenvolver habilidades para modificar o meio social e cultural na qual está inserido, contribuindo para a construção de uma sociedade mais ética, inclusiva e responsável.

4.1 As emoções dos indivíduos

As emoções acompanham o sujeito desde o nascimento. Por muito tempo foram descartadas ou ignoradas pela humanidade por serem tidas como ponto de irracionalidade dos indivíduos. Entretanto, as emoções têm exercido uma influência profunda sobre o mundo atual e sobre a expressão mais sublime da genialidade humana, dado que “o desenvolvimento da inteligência é inseparável da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão que são as fontes da pesquisa filosófica e científica” (Morin, 2001, p.18).

No âmbito da Geografia, as emoções são vistas como um fenômeno espacial. Dado que, dentre as categorias estudadas na ciência geográfica, o Lugar, é o que mais representa as emoções. Por se tratar de uma Geografia mais sensível, que lida com as emoções e as relações construídas entre os sujeitos e os espaços. Segundo Silva (2016), “as emoções são o próprio centro da vida mental humana, ligando o que é importante para nós com o mundo das pessoas, das coisas e dos acontecimentos, proporcionando infraestrutura para a vida social.”

Nesse sentido, (Ragassi, 1998; Silva, 2016) afirmam que:

“A emoção ocorre quando há um sujeito emocionado e um objeto emocionador. Assim, a emoção se nutre de um objeto e tem consciência desse objeto. Na visão da geografia das emoções podemos pensar o objeto enquanto espaço/lugar, em que a pessoa, ao estar diante de determinados lugares, estes lhe despertam diferentes emoções.”

As emoções são o impulso do sujeito em todas as áreas sociais e culturais. Silva (2016), também afirma que “Nossa relação com o mundo se dá a partir do corpo, em que corpo e consciência são coextensivos. Corpo/consciência age sobre as coisas, organiza o mundo e constitui as pessoas como parte deste mundo.” Desse modo, não existe mundo sem consciência ou consciência sem mundo. Seguindo isso, (RAGASSI, 1998; FRANCISCO, 1998) afirmam que:

A emoção, como já foi dito, é um fenômeno complexo que precisa ser compreendido no seu conjunto e, quando nos emocionamos, é sempre em relação a alguma coisa que fazemos. O corpo, enquanto experiência imediata da consciência, isto é, o corpo que somos, embarca de todo nessa nova atitude frente ao mundo.(FRANCISCO,1998, p. 157).

Por estarem ligadas aos sujeitos de forma biológica e psicológica, as emoções resultam nas ações conjuntas do nosso corpo e consciência. FRANCISCO (1998, p. 158), afirma que as emoções “ocorrem no conjunto de uma personalidade, o que envolve um projeto e um desejo de ser. Possui uma significação funcional no conjunto da vida psíquica como um todo e é essencialmente um fenômeno de crença”.

O estudo das emoções no âmbito da ciência geográfica é atual. Mas tem sua influência desde o princípio da geografia humanista quando destaca a perspectiva do sensível no espaço geográfico. As emoções estão presentes nos estudos sociológicos e antropológicos. Assim como os estudos psicológicos. Não se pode separar o indivíduo das suas emoções. Silva (2016), afirma que:

“Compreender a questão emocional na geografia é um desafio. Muitas vezes essa área de conhecimento nos apresenta um terreno emocionalmente estéril, um mundo desprovido de paixão, com espaços ordenados unicamente por princípios racionais e demarcados de acordo com lógicas políticas, econômicas ou técnicas, em que a negligência sobre o tema significa desconsiderar as relações com que as vidas são vividas e a sociedade é feita.”

Partindo desse viés, temos uma Geografia Emocional. Que se preocupa com as relações entre os sujeitos e o espaço geográfico, através das emoções vividas e construídas nos lugares,

que modificam o presente e o passado. Furlanetto (2014, p. 79), diz que, “A geografia emocional refere-se à experiência emocional e à leitura sensível dos lugares, às sensações e aos sentimentos que integram as paisagens”. Assim as relações inter e intrapessoal se fortalecem com o despertar de novos significados espaciais.

5. GEOGRAFIA EMOCIONAL E HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Para tratar da Geografia emocional junto às habilidades socioemocionais atreladas à educação e em particular a educação Geográfica, buscou-se compreender as variáveis: Escola – Sujeitos – Ensino de Geografia na educação básica nos anos iniciais do ensino fundamental.

Muito se discute sobre novas metodologias de ensino para o século XXI, devido a busca por compreender quais as formas que o sujeito aprende e como se aprende a aprender. Martins et al. (2018) O estudante precisa aprender a comunicar-se e socializar-se com todos os envolvidos do convívio na sociedade, com isso a educação contribuirá para torná-lo um cidadão ético e com valores, que de acordo com Cavalcanti,

Na realidade atual (global), os meios de vida ganharam novos significados, assim como novas formas de expressão: o indivíduo, o grupo, a sociedade, as classes, a cidadania, a nação, a história, a tradição, a cultura, a língua, o mercado e o espaço geográfico. Exige-se, com isso, uma outra lógica na produção de conhecimento, para que se possa entender o significado dessas formas de expressões sociais, (2013, p. 119).

Tomando como premissa que o aceleração das trocas de informações e inovações tecnológicas são fenômenos deste século, a escola/educação carece acompanhar essas novas mudanças, entretanto, é necessário ter cuidado ao implantar novas metodologias de ensino, carece ser meticoloso sobre quais os rumos que a educação pode tomar.

É importante lembrar que as bases curriculares da educação internacional e brasileira de acordo com (BELLINI e MARTIN, 2017; CANETTIERI 2021) estão voltadas para novas metodologias de ensino. Há discussões em diferentes instâncias, entre as ciências e o desenvolvimento da educação a exemplo da psicanálise, psicologia e neurociência, em vista, de contribuir com o trabalho dos educadores, porém ainda faltam estudos que amparem a eficácia da junção destas discussões.

A Geografia tradicional por ter alicerçado as bases da ciência geográfica no Brasil segue com grande influência no espaço escolar apesar das duras críticas, ultimamente as novas formas de pensar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia vem se modificando. A Geografia das emoções ganha espaço no avanço das interpretações das dimensões espaciais, dado que (ANDERSON; SMITH, 2001; BONDI et al., 2007; op cit. SILVA 2016) refere-se, que o mundo humano é construído e vivido através das emoções, e o silêncio sobre o tema tem se modificado com as recentes publicações, conferências e cursos dedicados à discussão e emerge como uma crítica aos que acreditam que as emoções não são “materialmente” importantes. Claramente as

emoções importam, pois afetam a maneira como sentimos a substância dos nossos passado, presente e futuro, e têm o poder de transformar a forma de nossas vidas, expandindo ou contraindo nossos horizontes (SILVA, 2016).

Para (Bondi et al. 2007, p. 3, op cit. Silva, 2016), “uma geografia emocional, então, tenta compreender emoção – experiencial e conceitualmente – em termos de sua mediação e articulação socioespacial em vez de estados mentais completamente interiorizados e conforme Nogué,

A vida, em essência, é emocional e espacial. Interagimos emocionalmente com os lugares e experimentamos emoções específicas em diferentes contextos geográficos. Imbuídos os lugares de significados, que retornam a nós através das emoções que nos despertam. Vivemos paisagens emocionais que não são apenas tangíveis, mas também construções sociais e culturais impregnadas com um conteúdo intangível denso, muitas vezes apenas acessível através do universo de emoções (NOGUÉ, 2009, *apud* Vituriano 2020, p.23).

As experiências vivenciadas são também experiências espaciais e emocionais que contribuem nas formas de representações espaciais dos sujeitos, de modo que, a partir delas a Geografia pode desenvolver uma prática pedagógica.

De acordo com Gonzaga e Monteiro (2011) o conceito de Inteligência Emocional - IE foi apresentado à comunidade científica pelos psicólogos Salovey e Mayer (1990, p. 189), em um artigo teórico, sendo definido como “a capacidade do indivíduo monitorar os sentimentos e as emoções dos outros e os seus, de discriminá-los e de utilizar essa informação para guiar o próprio pensamento e as ações”.

Há muitos questionamentos para serem discutido sobre as HSE, a exemplo de como avaliar o desenvolvimento dos sujeitos através das HSE, como as disciplinas podem trabalhar com HSE e seus desdobramentos interdisciplinares, Pois,

É interessante notar a tendência em transformar as habilidades socioemocionais em um conjunto de temáticas específicas de uma disciplina. Esse tipo de metodologia permite inúmeras vantagens, como espaço e tempo para pensar e trabalhar assuntos pertinentes às emoções e vivências dos alunos. Entretanto, pode acentuar a ideia do sujeito fragmentado em cognição e emoção, já que a própria escola divide as matérias conteudistas da disciplina que aborda as competências socioemocionais, como se na aula de conhecimentos científicos não coubessem as expressões da afetividade, CANETTIERI et al. , (p. 16, 2021).

As habilidades socioemocionais (HSE) têm sido compreendidas como um construto multidimensional, que engloba variáveis emocionais (e.g., autoconhecimento e autocontrole), cognitivas (e.g., empatia) e comportamentais (e.g., perseverança, decisões responsáveis e

comportamentos pró sociais) que auxiliam no desenvolvimento saudável ao longo do ciclo vital (Weissberg, Durlak, Domitrovich, & Gullotta, 2015, op cit. Damásio, 2017). No entanto,

Estudar, portanto, o desenvolvimento e a aprendizagem humana, bem como suas condições de realização e possibilidades de avaliação é tarefa, sem dúvida, importante e necessária para compreender de que forma os equipamentos sociais que colaboram para formar as novas gerações podem intervir e ser melhor sucedidos na concretização de seus objetivos e na consecução das suas metas. Contudo, a adoção de estratégias de investigação e avaliação requer um exame cuidadoso dos seus pressupostos e implicações para a educação, (DAINEZ 2015, p. 2021).

Entender as HSE ou qualquer outra metodologia como doutrina é regredir a educação a uma fórmula pronta que ao ser aplicada terá sucesso, e, isso não faz parte desta proposta. Para que o processo de ensino-aprendizagem se concretize, supõe uma aprendizagem que humanize “os processos de inovação pedagógica, a partir da reconstrução do currículo como capacidade de ação integrada na vertiginosa e profunda metamorfose dos tempos e dos espaços” (TESCAROLO, 2004, p. 97-98). É desenvolver junto aos sujeitos novas formas de análise do Espaço Geográfico, ao qual eles fazem parte, onde os conteúdos abordados tenham sentido para o professor e para o aluno.

Para tanto o aprendizado de acordo com Dias 2011 *apud*. Pereira, 1977, p. 116,

Num contexto piagetiano, nos esclarece sobre algo sumamente importante para um ensino que pretenda desenvolver uma boa aprendizagem: “A criança não passa de estágio para estágio porque acumula conhecimentos, mas porque desenvolve estruturas novas com base na equilibração da assimilação com a acomodação”. Nesta visão, a pessoa aprende a partir de frequentes conflitos cognitivos entre o sujeito e o meio, os quais provocam desequilíbrios estimuladores de novos equilíbrios ajustadores, determinados por assimilações e acomodações sucessivas que estruturam esquemas de ações-conhecimentos, num sentido hierárquico segundo a necessidade cognitiva do aprendiz e que lhe permitem adaptar-se ao meio, aplicando tais conhecimentos aprendidos de forma individual.

O desenvolvimento se dá através do desequilíbrio e reequilíbrio, para que os alunos consigam aprender é necessário que eles consigam problematizar e refletir sobre determinadas situações, daí o professor como mediador desse aprendizado, deve levantar questionamentos, problemáticas e situações que levem os sujeitos a pensarem de forma crítica como solucioná-las.

5.1 Processo de ensino-aprendizagem na geração Z

No que tange o processo de formação dos sujeitos “nativos digitais” permeados pelo cenário de formulação de metodologias de ensino na possibilidade de condução a um raciocínio

reflexivo, crítico e participativo, se faz necessário entender, quem são os sujeitos da geração Z e os motivos dessa geração ter características particulares em relação às gerações anteriores.

De acordo com Magalhães (2012) a geração Z,

Formada por indivíduos constantemente conectados através de dispositivos portáteis e, preocupados com o meio ambiente, a Geração Z não tem uma data definida. Pode ser integrante ou parte da Geração Y, já que a maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da Geração Z entre 1990 e 2010. O “Z” vem de “zapear”, ou seja, trocar os canais da TV de maneira rápida e constante com um controle remoto, em busca de algo que seja interessante de ver ou ouvir ou, ainda, por hábito. “Zap”, do inglês, significa “fazer algo muito rapidamente” e também “energia” ou “entusiasmo” (2012, p.3).

É comum perceber na Geração Z, atividades simultâneas: televisão e celular, celular e livro, escrever e ouvir música. Essas são algumas de suas características, levadas para a vida acadêmica e profissional (ANDRADE *et al.* 2020, p.4).

De acordo com (MAGALHÃES, 2012; ANDRADE, 2020) na geração Z, o acesso à informação acontece de forma mais rápida, constante e simultânea, no entanto, é importante pensar nas questões relacionadas a que tipo de informação está sendo veiculada pelas mídias sociais, pois, a maior dificuldade dos sujeitos é selecionar e avaliar sua veracidade, logo a crítica as TDICs são cercadas pela aceitação das informações que estão postas e falta de problematização ou raciocínio crítica do conteúdo veiculado, no entanto, esse fato não minimiza sua contribuição na construção de conhecimentos.

Como caminho para o cenário na educação no século XXI, Andrade (2020) aponta como possibilidade as metodologias ativas de aprendizagem, atrelado a inúmeras possibilidades tecnológicas que conversam com o aluno nativo digital. Assim, deve possibilitar que o aluno construa não apenas conceitos e categorias já elaboradas socialmente, mas que (re)signifique tais instrumentais a partir da compreensão do particular, do poder ser diferente nas interpretações e mesmo assim fazer parte do contexto (Castrogiovanni, 2010, op cit. SOUZA et al. 2016).

O panorama educacional brasileiro no ano de 2022 faz partes das recentes mudanças enfrentadas pelo mundo, visto que, em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Após dois anos do início da pandemia do COVID-19, ainda é cedo para uma avaliação de todos os impactos que a educação brasileira e mundial vem sofrendo.

Sabendo da gravidade da perda educacional no mundo e da necessidade em construir ensino-aprendizagem significativo e com novos sentidos. É importante que os sujeitos da geração Z, possam relacionar suas experiências entre o antes e o durante a Pandemia da COVID-19, traçando caminhos para o depois.

Durante essa Pandemia da COVID-19, com o isolamento social, a fragilidade nos relacionamentos inter e intrapessoais dos sujeitos, a busca por (re)significar o sentido da vida passa pela análise e reflexão dos espaços onde os sujeitos estão inseridos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de trabalhar e/ou desenvolver as Geografias emocionais junto às habilidades socioemocionais nas salas de aulas foi necessário traçar caminhos entre o tempo formação do professor, as condições de trabalhos que lhes são dadas e a estrutura dos espaços escolares brasileiros, além de caracterizar quem são os sujeitos componentes do espaço escolar; como se dão as formações continuadas dos profissionais da educação; suas bases salariais; observar os currículos que são trabalhadas nas instituições de ensino superior, até maneiras de aproximar o ensino superior a todas as instâncias do ensino básico. São tantos pontos a serem mencionados que a pesquisa foi se desenvolvendo a um caráter exploratório, com foco na aproximação nas formas de representação sociais dos sujeitos, tendo o professor na condição de mediador entre os conhecimentos subjetivos e conceituais.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Básica Hildebrando Veríssimo Guimarães, com os professores de Geografia das turmas de ensino fundamental II, localizada na cidade de Campo Alegre, no estado de Alagoas. Contou com a aplicação de questionários semi-estruturados, através do formulário do Google.

Foi observado que é de suma importância entender o cenário educacional que o profissional está inserido, para entender sua prática docente e até onde o profissional pode contribuir com o desenvolvimento de habilidades junto aos sujeitos, é valioso ressaltar que o professor não está sendo culpabilizado pelo sistema educacional falho ou por suas práticas pedagógica. O intuito é elencar a importância do docente, desde o período de sua formação inicial.

No que tange o desenvolvimento das HSE e da Geografia emocional, é importante frisar que ainda são poucos estudos brasileiros voltados para essa temática, em vista das discussões de sua eficácia e do financiamento de instituições privadas em alguns estudos, no entanto, é comum nas discussões dos temas da educação no Brasil no século XX e durante o século XXI, uma forte corrente de renovação de discussões de novas metodologias priorizando o desenvolvimento integral dos sujeitos. Cabe à Ciência Geográfica discutir as temáticas voltadas às análises do espaço social, traçando uma ponte entre essas novas metodologias de Ensino de Geografia.

É grande a necessidade da realização de mais pesquisas científicas de forma quantitativa e qualitativa sobre o tema no Brasil, principalmente, visando a aplicação da Inteligência Emocional em contextos organizacionais, educacionais e sociais, dada a importância do entendimento e utilização positiva das emoções nas relações inter e intrapessoais dos indivíduos, Gonzaga e Monteiro (2011, p.230). Assim, as evidências levantadas têm como intuito compreender o cenário educacional em mudança e instigar a importância da Geografia das emoções como instrumento relevante no processo de ensino-aprendizagem em Geografia. E, apesar da pesquisa ter um caráter exploratório, as constatações afloradas se devem ao panorama dos novos caminhos do Ensino de Geografia.

De acordo com a pesquisa realizada, foi possível observar que alguns professores da disciplina de Geografia são formados em outras áreas das ciências humanas, como História e Ciências Sociais; além de terem faixas etárias diversas entre 23 a 57 anos. Buscamos também observar quanto tempo que estão na carreira pedagógica e quais são avaliações acerca das aprendizagens das novas gerações.

Segundo o formulário aplicado aos entrevistados (gráfico 1), 50% dos professores estão na profissão há cinco anos ou menos, outros 37,5% estão lecionando entre seis e dez anos, e os 12,5% são professores de Geografia há mais de vinte anos.

Tempo de formação:
8 respostas

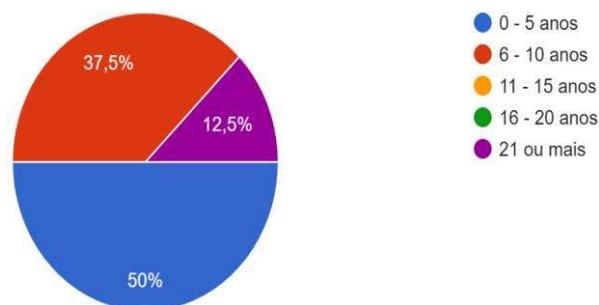


Gráfico 1: Tempo de formação dos professores entrevistados. Fonte: Autores, 2022.

Sabendo que o período de formação influencia na prática docente e que os currículos acadêmicos se renovam, ter uma formação continuada é fundamental para que os docentes continuem se atualizando, (re)significando suas práticas e refletindo sobre os rumos da

educação brasileira. No entanto, ainda falta aproximar mais os movimentos acadêmicos a movimentos da educação básica, promover discussões entre profissionais docentes em todos os âmbitos da educação é um desafio. Além da necessidade de questionar o que mudou no processo de formação do docente que tem uma carreira de mais de 20 anos em comparação a um docente recém formado, promovendo um diálogo acerca da condução das suas ações docentes.

Quando questionados sobre os conhecimentos acerca das habilidades socioemocionais (gráfico 2) 50% dos docentes responderam que conheciam e 50% responderam que não conhecem as habilidades. Entre os docentes que responderam que conheciam as habilidades, foi possível notar em algumas falas como: *“De forma bastante importante, pois tal disciplina por ser de áreas de humanas, tem relação direta com tais habilidades.”* e *“algumas habilidades que mostra o socioemocional de um povo do passado e do presente ao passarem por guerras, discriminação e até mesmo a fome, território destruído por forças da natureza e na própria sociedade medíocre de cada dia.”* uma visão um pouco distorcida ou até uma certa confusa entre as habilidades socioemocionais e as competências gerais da educação.

Assim como a nomenclatura, há diferenças entre habilidades e competências, que devem ser entendidas de acordo com (Le Boterf 1995 op cit. Fleury e Fleury, p.187, 2001) onde,

A competência é o conjunto de aprendizagens sociais e comunicacionais nutridas a montante pela aprendizagem e formação e a jusante pelo sistema de avaliações. Segundo ainda este autor: competência é um saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado.

A competência é adquirida pela sujeitos através de suas aprendizagens, já as habilidades são características natas dos sujeitos, ou seja, os sujeitos nascem com as habilidades e as pessoas com maiores níveis de HSE, podem apresentar atitudes mais positivas em relação a si mesmo, incluindo maior autoestima, autoeficácia, maior persistência frente a objetivos, melhores relacionamentos interpessoais, maior comprometimento e desempenho escolar, etc. Damásio (p. 2046, 2017).

Quando os entrevistados citam *“socioemocional de um povo do passado e do presente”*, não necessariamente está ligada à relação com o antepassado, mas com a forma com que cada indivíduo sente as emoções e as expressa através de suas subjetividades.

Você conhece as habilidades socioemocionais?

8 respostas

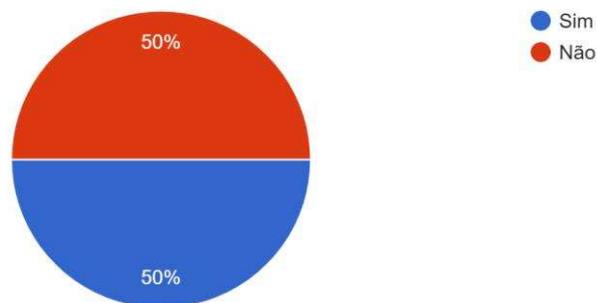


Gráfico 2: conhecimento das habilidades socioemocionais por parte dos entrevistados. Fonte: Autores, 2022.

As habilidades socioemocionais em conjunto as Geografias emocionais devem ser trabalhadas para gerar as competências gerais da BNCC, pois os verbos utilizados como: compreender; produzir; valorizar; argumentar; conhecer; exercitar e agir, induz os sujeitos a executar ações entre as etapas da educação básica. De acordo com Cosenza e Guerra (2011) carece a sociedade do século XXI gerar sujeitos com capacidades executivas. Onde os sujeitos consigam filtrar de forma crítica a grande quantidade de informações que recebem, consigam conduzir essa informação em prol de desenvolver a capacidade de planejar no longo prazo, de medir a consequência dos próprios atos, de inibir os comportamentos inadequados são a essência do que chamamos de funções executivas, Cosenza e Guerra (2011, p. 96).

No entanto, para que os sujeitos consigam desenvolver as funções executivas é necessário que a Escola, a família e a sociedade se preocupem com a formação dos sujeitos da geração Z, que vivem um novo modo de produção.

Dada a importância da Ciência Geográfica na condução do pensamento espacial contemporâneo, onde as análises espaciais se dão através do princípio Piagetiano de equilíbrio-assimilação-acomodação, se o conteúdo não tiver ou não fizer sentido para os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, não se constrói conhecimentos. Assim as novas metodologias surgem no intuito (re)significar a construção de conhecimentos no espaço escolar e conduzir os sujeitos ao entendimento da utilidade dos conteúdos trabalhados.

Com o surgimento de um novo cenário educacional nos últimos anos com a Pandemia do COVID-19, alguns alunos tiveram acesso ao ensino fora do espaço físico da escola por quase dois anos, outros ficaram sem aulas tanto de forma presencial, quanto online. No processo de adaptação ao novo fenômeno, toda a sociedade foi conduzida a pensar suas relações com o meio em que estão inseridas.

Na avaliação dos professores, em relação ao interesse dos alunos dessa nova geração (gráfico 3), 12,5% dos professores consideram a aprendizagem do aluno péssimo; 37% dos professores consideram a aprendizagem dos alunos boa e 50% considera a aprendizagem dos alunos regular.

Como você avalia o interesse dos alunos na disciplina de Geografia?
8 respostas

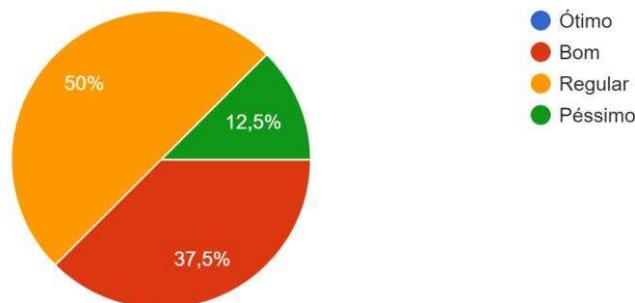


Gráfico 3: Interesse dos alunos na disciplina de Geografia. Fonte: Autores, 2022.

Considerar o interesse do aluno na disciplina como péssimo, é fator preocupante e ao mesmo tempo histórico, como também é evidenciar que tem algo de errado na condução do processo de ensino-aprendizagem desta disciplina, além dos problemas estruturais da educação brasileira, a Pandemia do COVID-19 mostrou a necessidade de mudanças no espaço escolar e nas metodologias de ensino. Apesar das TDIC's disponibilizarem diversas informações e acelerar as trocas entre as mesmas, quando as TDIC's foram extremamente necessárias, revelou-se que o espaço escolar ainda se encontra disperso diante do ambiente virtual, que por sua vez, os sujeitos componentes de ambos espaços não conseguem ter uma visão holística entre as informações dispostas em prol das necessidades da sociedade.

As mudanças nas relações sociais que surgiram junto com o fenômeno da globalização no processo de produção capitalista se modificam e o grupo social não acompanha mais o

desenvolvimento dos sujeitos. Se os pais estão trabalhando, a escola direciona seu olhar ao grupo que os compõem, e as tecnologias delegam a apreensão do tempo dos sujeitos, surgem as transformações na sala de aula, na sociedade, nos modos de vida e nas formas de análises espaciais dos sujeitos.

Nos relatos acerca das contribuições do ensino de Geografia de aprendizagem da geração Z (figura 1),

QUAL SUA OPINIÃO ACERCA DAS APRENDIZAGENS DA GERAÇÃO Z?
Acho que essa geração está muito ansiosa e isso dificulta a aprendizagem. Acredito que o excesso do uso de smartphones também têm ajudado no desinteresse pelo aprendizado.
Os estilos são um meio pelo qual as pessoas “coletam e selecionam informações, assim de acordo com esse processo a aprendizagem dos mesmos fica ligada estreitamente a percepção de cada um”.
Essa geração está atenta, porém não consegue organizar o excesso de informação que consome, embora não seja regra, visto que o aspecto da evolução tecnológica é mais acessível para quem tem melhor poder aquisitivo.
Essa geração poderia ser melhor se a família voltasse a educar os filhos em casa já que proporciona a eles a facilidade de usar tecnologia temos um número pequeno de uma geração z que aproveita a tecnologia para evoluir em seus conhecimentos que seria o necessário para essa turma jovem
Tem que adaptar o ensino de geografia a essa geração, utilizando recursos de ensino que estão no cotidiano destes.
Contribui para o aprendizado dos alunos.
Falta concentração por causa do fluxo de informações muito exagerado. As pessoas não conseguem filtrar bem o que é necessário e o que não é e se entendiam muito facilmente.
Podemos compreender que a aprendizagem dessa geração se estabelece fundamentalmente através dos meios tecnológicos e de forma bem expressiva mecanismos como Internet YouTube etc. Pois tal geração é imediatista e ansiosa.

Figura 1. A imagem mostra as opiniões dos professores a respeito das aprendizagens da geração Z. Fonte: Autores, 2022.

Acerca da aprendizagem da geração Z, as opiniões dos entrevistados foram diversas. Alguns professores entendem que o acesso às diversas informações do mundo atual, prejudicam o processo de ensino-aprendizagem dos sujeitos alunos. Atestando que os sujeitos selecionam

as informações que lhes favorecem e não se concentram na construção dos próprios conhecimentos educacionais. Causando assim, um desinteresse na disciplina de Geografia, e nas demais ciências presentes no espaço Escolar. Outro fator mencionado com frequência nas respostas, foi o imediatismo e ansiedade da nova geração.

Poucos professores mencionaram as TDIC's como aliadas no processo de ensino-aprendizagem. Explicando que *“Tem que adaptar o ensino de geografia a essa geração, utilizando recursos de ensino que estão no cotidiano destes”*.

Esses relatos só fortalecem que precisam existir uma relação entre os sujeitos educandos e os espaços em que eles estão inseridos. Assim como, as informações e tecnologias que a nova geração tem acesso e conhecimento.

VOCÊ ACREDITA QUE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS PODEM SER PONTES PARA A CONSTRUÇÃO DE SABERES ESPACIAIS PELOS SUJEITOS EDUCANDO?
Sim.
São variáveis, tanto no lado positivo quanto negativo, pensando por esse viés, temos umas das gerações de educandos bem mais complexas, sendo assim as contribuições não são tão eficazes em alguns momentos
Sim. As representações sociais abrem espaços de conhecimento e interações de saberes. espaços
Com certeza
Sim!
Sim
Sim, o local onde se vive é crucial para a formação individual. Dessa maneira o que você vê no seu dia a dia influencia quem você é, assim como as pessoas que você convive representam muito para você.
Sim... pois é através da interação social que se cria as possibilidades possíveis para melhores resoluções de problemas sociais a serem enfrentados em nosso cotidiano.

Figura 2: relatos sobre as representações sociais como pontes para a construção de saberes espaciais pelos educandos. Fonte: Autores, 2022.

As respostas apresentadas na (figura 2), mostram que todos os entrevistados acreditam que as representações sociais são pontes para a construção dos saberes espaciais dos sujeitos educandos. Assim, as experiências e vivências através de espaços simbólicos, são também experiências emocionais e espaciais que influenciam na formação do indivíduo social, possibilitando que ele modifique os espaços onde vive e que está inserido.

Segundo os dados coletados, 50% dos entrevistados conhecem as habilidades socioemocionais (gráfico 2). Na (figura 3), temos relatos sobre como o ensino da ciência Geográfica contribuiu para a formação das HSE.

PODERIA NOS FALAR SUCINTAMENTE COMO O ENSINO DE GEOGRAFIA CONTRIBUIU PARA A FORMAÇÃO DE TAIS HABILIDADES.			
educação socioemocional tem intuito de estimular o estudante ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos para lidar de forma eficaz com situações e desafios do seu dia a dia. Onde é muito importante colocar o coletivo em loco, pois existem casos individuais que acabam atrapalhando o desenvolvimento coletivo.	As habilidades socioemocionais estão diretamente ligadas as habilidades gerais da BNCC e, portanto, deve ser trabalhada nas áreas específicas de modo que se promova o engajamento, tomada de decisão e empatia. Assim, no ensino de geografia o estudante pode desenvolver a resiliência e engajamentos diante da política e do mundo globalizado, por exemplo.	Algumas habilidades que mostra o socioemocional de um povo do passado e do presente ao passarem por guerras, discriminação e até mesmo a fome, território destruído por forças da natureza e na própria sociedade medíocre de cada dia.	De forma bastante importante, pois tal disciplina por ser de áreas de humanas, tem relação direta com tais habilidades

Figura 3: Relatos das contribuições do ensino de Geografia para a formação das HSE. Fonte: Autores, 2022.

Segundo os professores entrevistados que apresentaram conhecimento nas HSE, o ensino de Geografia é de suma importância. Pois, a “*educação socioemocional tem intuito de estimular o estudante ao desenvolvimento de atitudes e comportamentos para lidar de forma eficaz com situações e desafios do seu dia a dia.*” Assim, as novas metodologias de ensino tem o caráter de conduzir os sujeitos ao pensamento crítico, onde eles podem desenvolver distintas habilidades, superando e enfrentando os desafios do dia-a-dia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as mudanças na sociedade, os sujeitos tendem a construir novas formas de representação social, tecendo suas subjetividades entre discussões daquilo que lhes faz sentido. A forma com que cada sujeito concebe esse espaço, o torna singular, a valorização dessas singularidades se dá através do desenvolvimento das HSE e da Geografia das emoções no espaço escolar.

A valorização das relações inter e intrapessoais dos sujeitos conduz a educação para as tendências mais recentes. O sujeito não é visto como mais um “corpo útil”, propõe a partir de Morin (2000) uma educação transformadora, crítica, humanizada e transdisciplinar.

Durante o desenvolvimento da Pesquisa a grande preocupação era em pensar que ao estimular os sujeitos a desenvolverem habilidades socioemocionais estivesse se preocupando apenas em ter mais um corpo “útil” no mercado de trabalho. No entanto, a prioridade é levar as discussões acerca do desenvolvimento do Ensino de Geografia sob os aspectos das HSE priorizando o elo entre o sujeito social a reflexão entre eles e o mundo no intuito de resgatar o elo que os une.

A validade do trabalho subjetivo está na importância de priorizar a vivência dos sujeitos, de priorizar suas representações sociais através de suas subjetividades e em entender os significados dessas formas de expressões sociais, ao tempo que acompanha a lógica do contexto em que os sujeitos estão inseridos.

O empenho em compreender como o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, mediado pelos professores, norteia a análise do espaço geográfico através das emoções pelas experiências do espaço vivido dos sujeitos educando para a construção de novos saberes espaciais, tomou um âmbito com tantas variáveis a serem analisadas que a pesquisa foi se conduzindo a um caráter mais exploratório.

A condução da pesquisa entre a Geografia das emoções e das habilidades socioemocionais elege a visão do professor acerca da temática, entendendo que os sujeitos somente conseguiram (re)significar o sentido sobre a análise do Espaço Geográfico, com um Professor como mediador desse processo, assim, as formas de representações do Espaço vivido poderá ser analisada, entendido e refletido através das emoções.

A pesquisa sondou o compreensão do docente acerca de seus entendimentos sobre as HSE, mas, não conseguiu traçar um caminho entre o pensamento dos professores e o pensamento dos alunos sobre a inserção das habilidades socioemocionais na sala de aula, carecendo de mais pesquisas futuras, onde seja mais explorados o diálogo com todos os sujeitos inseridos nos espaços escolares, traçando uma ponte entre os diferentes entendimentos das HSE.

Uma das maiores problemáticas acerca do tema é o intuito que alguns pesquisadores propõem em pensar as habilidades socioemocionais como uma fórmula para sanar os problemas educacionais brasileiros, apesar de suas deficiências em alguns quesitos, a exemplo de como avaliar as HSE e formas de como as ciências trabalharam as HSE em sala de aula. Logo, são temáticas a serem exploradas futuramente, visto que, a aprendizagem se dá de diferentes maneiras. Assim, conduzir um diálogo entre o conhecimento científico e subjetivo, sem deixar que a pesquisa se desenvolva sob um caráter meramente subjetivo é um dos maiores desafios do pesquisador que trabalha com as representações sociais e subjetividades.

Os novos rumos da educação no decorrer do século XXI passa por promover estratégias educacionais de troca de informações e construções de conhecimento, visto que, antes a escola era vista como o centro detentor do conhecimento e atualmente é sabido que há informações em todas as partes, onde o aluno pode recorrer ao auxílio da internet para consultar alguma informação, a figura de um Professor que os ajude a organizar essas informações que muitas vezes são encontradas de forma dispersas, é sem dúvida um dos papéis fundamentais do Professor-mediador.

Conduzir os sujeitos a se entender em um mundo globalizado é conduzir seu aluno a refletir sobre as diversas facetas da globalização e se perceber em meio a esse processo.

A Geografia necessita nortear pesquisas que dialoguem com outras áreas do conhecimento como neurociência, psicologia e educação, no intuito que se promova de fato o aprender a aprender com eficácia e eficiência e para que se entenda as novas formas de expressões sociais dos sujeitos da geração que compõem os espaços escolares, resgatando o interesse do aluno, evidenciando a importância do espaço escolar e do acesso ao conhecimento em sala de aula.

As habilidades socioemocionais e a Geografia das emoções sozinhas, não conseguirão transformar o modelo de educação brasileira. Mas, conseguem guiar os sujeitos na compreensão

do seu lugar de fala nesse mundo globalizado, resgatando suas habilidades socioemocionais os sujeitos conseguem construir novos horizontes e refletir por um mundo mais ético, justo e humanizado.

Vamos traçar novos caminhos para a educação brasileira, adiante!

7. REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. **O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica**. São Paulo: 2014.

ALVES, Lilian Pereira et al. **Origem da escola pública brasileira: a formação do novo homem**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 239-252, maio 2012 - ISSN: 1676-2584 243. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br>>. Acesso em 06 de maio, 2022.

ANDRADE, L.G.S.B.; FERRETE, R. B. ; AGUIAR, N. ; SANTOS, J. . **GERAÇÃO Z E AS METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em < <https://www2.ifrn.edu.br>>. Acesso em: 08 de julho, 2022.

ANSELMO, R. C. M.S. **Sistematização/Institucionalização da Geografia e Formação Nacional Brasileira: revendo a influência de Everardo Backheuser**. Geografia (Rio Claro. Impresso), Rio Claro, v. 31, p. 241-255, 2006.

BEHERS, Marida Aparecida. **Paradigma da complexidade na prática pedagógica dos professores universitários: inovações epistemológicas e tecnológicas para ensinar e para aprender**. Curitiba: EdUECE - Livro 4, 2014.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

CANETTIERI, Marina Kurotusch; PARANAHYBA, Jordana de Castro Balduino; SANTOS, Soraya Vieira. **Habilidades socioemocionais: da BNCC às salas de aula**. Educ. Form., Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/4406>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia: Escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. São Paulo: Papirus, 2013.

CASTROGIOVANNI, A. C.; CAMRA, M. A. ; LUZ, R. R. S. ; ROSSATO, M. S. . **Ensino da Geografia - caminhos e encantos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

COSENZA, R.M.; GUERRA, L. B. . **Neurociência e Educação: como o cérebro aprende**. 1a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUSOÉ, N. M. C.. **A Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e sua Importância para a Pesquisa em Educação** (ISSN 1678-7846). *Aprender* (Vitória da Conquista), v. 02, p. 105-114, 2004.

DAINEZ, Débora et al. **O problema da avaliação das habilidades socioemocionais como política pública: explicitando controvérsias e argumentos**. *Campinas*, v. 36, nº. 130, p. 219-242, jan.-mar., 2015.

DAMÁSIO, Bruno Figueiredo Damásio. **Mensurando Habilidades Socioemocionais de Crianças e Adolescentes: Desenvolvimento e Validação de uma Bateria** (Nota Técnica). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Psicometria, Rio de Janeiro, RJ, Brasil Grupo Semente Educação. Programa Semente de Desenvolvimento de Habilidades Socioemocionais, Vol. 25, nº 4, 2043-2050 São Paulo Dezembro 2017.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org>>. Acesso em 05 de maio de 2022.

DÍAZ, Félix. **O processo de aprendizagem e seus transtornos**. Salvador: EDUFBA, 2011. 396 p. il.

FLEURY, Maria Tereza Leme e Fleury, Afonso. **Construindo o conceito de competência**. *Revista de Administração Contemporânea* [online]. 2001, v. 5, n. spe [Acessado 15 Agosto 2022] , pp. 183-196. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>>. Epub 23 Abr 2009. ISSN 1982-7849. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552001000500010>.

FRANCISCO, Paulo Roberto.(1998) **Emoções e personalidade**. In: BERTOLINO, Pedro et al.As emoções.Florianópolis: NUCA Edições Independentes, p. 145-159.

FUSINATO, C. V.; KRAEMER, C. . **A invenção histórica da escola e a escolarização no Brasil**. In: XI Congresso nacional de Educação. XI Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, Curitiba, 2013.

FURLANETTO, Beatriz Helena (2014) **Paisagem sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso**. Tese de Doutorado em Geografia. UFPR, Curitiba, 212 p.

GODOY. S. A. . **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63.

LUZ JR. Valdinei de J. F.; FROTA, A. F. M. . **Geografia das Emoções: a metamorfose da educação geográfica no ensino médio**. Caderno Intersaberes, v. 10, p. 96-111, 2021. Disponível em: <<https://www.cadernosuninter.com>>. Acesso 09 e Julho de 2022.

MAGALHÃES, A. R.. **O comportamento da Geração Z e a influência nas atitudes dos professores**. In: IX SEGeT 2012 - Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2012, Resende RJ. SEGET 2012. <Disponível em <https://www.aedb.br>>. Acesso em 10 de julho, 2022.

MORAES, A. C. R. . **Geografia: pequena história crítica**. 21ª Ed. São Paulo, 2007.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez: Brasília, D.F. UNESCO, 2000.

MORIN, E. **I sette saperi necessari all'educazione del futuro**. Milano: Cortina Ed., 2001.

PINTO, Kinsey Santos. **Representações Sociais Atribuídas ao (Sub)espaço Geográfico Escola**, 2010.

RAGASSI, Doroti M. M. (1998) **O estudo fenomenológico da emoção**. In: BERTOLINO, Pedro et al.As emoções.Florianópolis: NUCA Edições Independentes, p. 99-130.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 2012.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006. p. 39.

SILVA, L. G. M. ; FERREIRA, T. J. . **O papel da escola e suas demandas sociais.** Revista Projeção e Docência, v. 5, p. 06-23, 2014.

SILVA, Marcia Alves Soares.. **Por uma Geografia das Emoções.** GEOGRAPHIA (UFF), v. 18, p. 99-119, 2017.

SOUSA, M. S. et al. **O Ensino de Geografia no Século XXI e o Conceito de Globalização,** 2016. Disponível em < <http://www.eng2016.agb.org.br>>. Acesso em 11 de junho, 2022.

TESCAROLO, Ricardo; DARÓS, Lauro. **Aprendizagem e conhecimento: conexões planetárias.** Revista Diálogo Educacional (PUCPR), p. 133-141, 2007.

8. APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE

ENTREVISTA

Idade: _____ qual o curso que se formou: _____

Tempo de formação:

0 - 5 anos 6 - 10 11 - 15 16 - 20 21 ou mais

Você conhece as habilidades socioemocionais?

Sim Não

Se sim, poderia nos falar sucintamente como o ensino de Geografia contribuiu para a formação de tais habilidades.

Como você avalia o interesse dos alunos na disciplina de Geografia?

Ótimo Bom Regular Péssimo

Qual sua opinião acerca das aprendizagens da geração Z?

Você acredita que as representações sociais podem ser pontes para a construção de saberes espaciais pelos sujeitos educando?

9. ANEXOS